



ESTADO
DE
ALAGOAS

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO - SEPLAN/AL

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PLANEJAMENTO - FIPLAN/AL

INSTITUTO DE INFORMÁTICA - IFOR/AL

INSTITUTO DE PROGRAMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL - IPES/AL

ANÁLISE



CONJUNTURAL

Análise conjuntural semestre 1982

33(6)
V
Fg
2

Q.J

SEMESTRE/1982 V-10



ESTADO DE ALAGOAS
SEPL N / FIPLAN
BIBLIOTECA

Nº DE REGISTRO: 210
DATA: 09/11/02

Fasc. 952f Cont. 9509
33(813.5)
v. 10
58x

ECONOMIA ALAGOANA

ANÁLISE CONJUNTURAL
1º SEMESTRE / 1982

ELABORADO EM CONVÊNIO COM A SUPERINTENDÊNCIA
DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE-SUDENE-

ANÁLISE CONJUNTURAL-ECONOMIA ALAGOANA	MACEIÕ	V-10	1982
---------------------------------------	--------	------	------

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PLANEJAMENTO

- F I P L A N -

Presidente: EVILÁSIO SORIANO DE CERQUEIRA

Coordenação Geral: CARLOS MAURÍCIO BARROS DE GÕES

Assessoria Técnica: MARTHA CÉLIA VASCONCELOS BER
NARDES

Instituto de Programação Econômica e Social

JOSÉ CÂNDIDO DO NASCIMENTO

- Coordenador -

EQUIPE TÉCNICA

Adelmo Mota Mendonça

Herbert Glisson Falcão dos Santos

Hélio Bartolomeu Paraíso de Carvalho

Amaro Jorge Correia Pinho

Luiz Antônio Palmeira Cabral

Auxiliares de Estatística

Edcléia Maria Leocádio

Lígia Maria Mendonça Porto

Mecanografia: Ita Casado Silva

Diana Célia Barbosa da Silva

ANÁLISE CONJUNTURAL-ECONOMIA ALAGOANA

Fundação Instituto de Planejamento de Alagoas

- FIPLAN/AL -

Instituto de Informática - IFOR

Instituto de Programação Econômica e Social

- IPES -

Rua Cincinato Pinto, 503 - Centro

57.000 - Maceió - Alagoas

Telefone - 223-3910

Telex: (082) 198

S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO

1. VISÃO GLOBAL
2. VISÃO SETORIAL
 - 2.1 - SETOR AGROPECUÁRIO
 - a - Aspectos Gerais
 - b - Previsão de Safra
 - 2.2 - SETOR INDUSTRIAL
 - a - Aspectos Gerais
 - b - Indústria de Transformação
 - b.1 - Consumo Industrial de Energia Elétrica
 - b.2 - Arrecadação do IPI
 - b.3 - Produção da Indústria Química
 - b.4 - Produção da Agroindústria Açucareira
 - c - Indústria da Construção Civil
 - 2.3 - SETOR SERVIÇOS
 - a - Aspectos Gerais
 - b - Comércio Externo
 - b.1 - Exportação por Longo Curso
 - b.2 - Importação por Longo Curso
 - c - Comércio Interno
 - c.1 - Exportação por Cabotagem
 - c.2 - Importação por Cabotagem
 - d - Transporte

d.1 - Transporte Marítimo

d.2 - Transporte Aéreo

e - Energia Elétrica

f - Receita Tributária Federal

g - Receita Tributária Estadual

h - Receita Tributária Municipal

i - Solvências

j - Emprego

APRESENTAÇÃO

A presente publicação representa mais um resultado dos trabalhos de acompanhamento conjuntural que vêm sendo desenvolvidos pela Secretaria de Planejamento, através da Fundação Instituto de Planejamento - FIPLAN, em convênio com a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE.

Objetiva os estudos conjunturais oferecer aos diversos usuários informações atualizadas sobre o comportamento das diversas atividades da economia estadual.

Para tanto, é aqui enfocado o comportamento dos principais indicadores de desempenho da economia estadual, no primeiro semestre de 1982 em comparação com idêntico período do ano anterior.



EVILÁSIO SORIANO DE CERQUEIRA
Secretário de Planejamento

1. VISÃO GLOBAL

Embora de forma difusa, vez que o perceptível até o meio do ano é apenas tendência, a economia alagoana apresenta sinais de inquietação em seus setores.

A consideração de que a economia estadual tem como pilar básico a atividade agro-industrial açucareira justifica positivamente a incerteza que se percebe quanto ao comportamento para este ano de 82. A derrocada dos preços do açúcar no mercado internacional, aliada à série de medidas tomadas pelo Governo Federal no sentido de ajustar a economia como um todo, proporcionaram ao setor reflexos indesejados.

Analisada setorialmente com base nos indicadores disponíveis, a economia alagoana apresentou o seguinte comportamento.

Tomando por base os indicadores de previsão de safra do GCEA, espera-se para os principais produtos agrícolas estaduais uma excelente safra. De fato, as condições climáticas favoráveis justificam esta previsão.

O fato das culturas localizadas no agreste e sertão do Estado apresentarem recuperação, entretanto, não invalida a apreensão quanto aos resultados do setor. Isto porque, embora a produção de cana tenha boa perspectiva, não é verdadeira a hipótese de que o setor industrial açucareiro também acompanhe este comportamento, o que implica numa quebra da cadeia produtiva.

Quanto ao Setor Industrial,

Embora de forma difusa, vez que o perceptível até o meio do ano é apenas tendência, a economia alagoana apresenta sinais de inquietação em seus setores.

A consideração de que a economia estadual tem como pilar básico a atividade agro-industrial açucareira justifica positivamente a incerteza que se percebe quanto ao comportamento para este ano de 62. A derrocada dos preços do açúcar no mercado internacional, aliada à série de medidas tomadas pelo Governo Federal no sentido de ajustar a economia como um todo, proporcionaram ao setor reflexos indesejados.

Analisada setorialmente com base nos indicadores disponíveis, a economia alagoana apresentou o seguinte comportamento.

Tomando por base os indicadores de previsão de safra do GCEA, espera-se para os principais produtos agrícolas estaduais uma excelente safra. De fato, as condições climáticas favoráveis justificam esta previsão.

O fato das culturas localizadas no agreste e sertão do Estado apresentarem recuperação, entretanto, não invalida a apreensão quanto aos resultados do setor. Isto porque, embora a produção de cana tenha boa perspectiva, não é verdadeira a hipótese de que o setor industrial açucareiro também acompanhe este comportamento, o que implica numa quebra da cadeia produtiva.

Quanto ao Setor Industrial,

Embora de forma difusa, vez que o perceptível até o meio do ano é apenas tendência, a economia alagoana apresenta sinais de inquietação em seus setores.

A consideração de que a economia estadual tem como pilar básico a atividade agro-industrial açucareira justifica positivamente a incerteza que se percebe quanto ao comportamento para este ano de 82. A derrocada dos preços do açúcar no mercado internacional, aliada à série de medidas tomadas pelo Governo Federal no sentido de ajustar a economia como um todo, proporcionaram ao setor reflexos indesejados.

Analisada setorialmente com base nos indicadores disponíveis, a economia alagoana apresentou o seguinte comportamento.

Tomando por base os indicadores de previsão de safra do GCEA, espera-se para os principais produtos agrícolas estaduais uma excelente safra. De fato, as condições climáticas favoráveis justificam esta previsão.

O fato das culturas localizadas no agreste e sertão do Estado apresentarem recuperação, entretanto, não invalida a apreensão quanto aos resultados do setor. Isto porque, embora a produção de cana tenha boa perspectiva, não é verdadeira a hipótese de que o setor industrial açucareiro também acompanhe este comportamento, o que implica numa quebra da cadeia produtiva.

Quanto ao Setor Industrial,

percebe-se por seus principais indicadores um comportamento, até junho, relativamente estável.

A produção química apresentou elevação em sua quantidade produzida. Observou-se expansão na primeira metade da safra açucareira 81/82 (out/dez-81), embora as perspectivas para a safra 82/83 que se iniciará em setembro não sejam otimistas. E finalmente, a indústria de construção civil não apresentou variações substanciais no período.

Já no setor terciário, observou-se queda nas exportações por longo curso, mantendo-se estável as efetivadas por cabotagem. Quanto às importações, observou-se incrementos tanto para as efetivadas por longo curso como por cabotagem.

Por sua vez as receitas tributárias Federal, Estadual e Municipal cresceram em termos reais, enquanto na situação do emprego observa-se uma rotatividade elevada na mão-de-obra.

2. VISÃO SETORIAL

2.1 SETOR AGROPECUÁRIO

a - Aspectos Gerais

Após dois anos consecutivos de frustrações das safras agrícolas, volta Alagoas a experimentar perspectivas favoráveis para suas lavouras. De fato, este ano de 82 deverá representar a recuperação dos insucessos verificados em 80 e 81.

As culturas que têm como área de concentração de produção a zona sertaneja, apresentam para 82 perspectivas extremamente favoráveis, isto porque, esta região voltou a apresentar um comportamento pluviométrico bastante regular. Há que se considerar também a base que irá ser utilizada para estabelecer comparações, isto é, 80 e 81 apresentaram resultados finais de safra substancialmente baixos o que implica em incrementos percentuais de relativo significado.

Quanto à cana-de-açúcar, embora as perspectivas agrícolas sejam positivas, a atividade como um todo não deverá experimentar desenvolvimento no período. Problemas de ordem comercial, queda de cotação do produto no mercado internacional além de restrição de subsídios, deverão causar graves sobressaltos à atividade.

b - Previsão de Safra

Segundo os dados do GCEA/FIBGE, junho 82, a previsão de safra para os principais produtos agrícolas de Alagoas é bastante otimista.

À exceção de alguns produtos, que ainda não têm previsão definida de seus resultados co-

mo a banana, abacaxi e o coco, as demais culturas apresentam perspectivas altamente positivas. Destaque-se neste sentido os incrementos percentuais de produção esperados no feijão (609,1%), milho (904,6%) e em menor escala o algodão herbáceo (75,3%) e fumo (87,5%).

Numa análise sumária, o quadro individualizado das culturas alagoanas é o seguinte:

ALGODÃO HERBÁCEO

Muito embora não se tenha como definitiva, a previsão do GCEA para o algodão é das mais otimistas para o corrente ano. O fato de a cada mês se observar aumentos na área plantada da cultura, confere à mesma, perspectivas realmente otimistas. Assim, o acréscimo de 55,7% na área plantada, observado em jun/82 prenuncia uma excelente safra para a cultura. Também baseada na informação do mês de junho é a expectativa de acréscimo na produção, que estima-se, ficará em torno de 75,3%.

Dentre as causas que explicam esta evolução destaca-se como principal, a regularidade de na distribuição das chuvas na região sertaneja.

ARROZ

A cultura do arroz, que há alguns anos vem apresentando resultados negativos em termos de produção e produtividade, volta em 82, a apresentar possibilidades de recuperação.

Segundo informações do GCEA, a área plantada da cultura deverá expandir-se em 34,7%, pas-

sando de 5.530ha em 81 para 7.450ha previstos em junho/82. A produtividade deverá sofrer um acréscimo de apenas 2,1% e consequentemente a produção deverá elevar-se, de 13.103t para 17.997t, cerca de 37,4% no período.

A liberação de áreas irrigadas na várzea do Rio Boacica, além de incentivos de ordem geral, explicam as perspectivas otimistas para esta cultura no corrente ano.

CANA-DE-AÇÚCAR

As estimativas para a cana-de-açúcar indicam um comportamento de estável a discretamente positivo para este ano de 82.

Considerando exclusivamente a atividade agrícola, produção de cana do setor, espera-se 3,9% de expansão na área plantada com manutenção do rendimento médio, 527 ha.

Medidas recentes do Governo Federal, entretanto, poderão reverter esta expectativa. Entre elas destacam-se: corte no subsídio para aquisição de adubos, redução na "warrantagem", e, de forma geral, redução no crédito oficial para o setor. Além desses pontos desfavoráveis à obtenção de melhores resultados para esta cultura, mais um outro poderá vir a ser somado, trata-se da pretendida retenção por parte das usinas, de 15% do valor da tonelagem de cana do fornecedor para pagamento no final da safra.

FUMO

Segundo estimativas do GCEA, a cultura do fumo apresentará resultados bastante positivos em 82. Espera-se incremento de 42,9% na área de plantio, a produtividade deverá crescer 32%, e consequentemente a produção estimada evoluirá 87,5%.

Segundo os produtores da região, as causas que determinam este comportamento otimista podem resumir-se em: comportamento positivo nos três últimos anos dos preços a nível do produtor, do fumo em folha, em corda; maior cobertura creditícia com extensão deste benefício a produtores que não detêm a posse da terra através de cartas de anuência, e, principalmente, o excelente comportamento das condições climáticas.

MILHO

Os expressivos incrementos observados na previsão de resultados desta cultura, decorrem basicamente do comportamento favorável das chuvas, como também aniquilamento total das safras dos dois últimos anos. De fato 80 e 81 foram anos de pesadíssimos prejuízos para esta cultura e 82 representará sua recuperação.

FEIJÃO

Em função da situação climática verificada este ano nas zonas agrestina e sertaneja - extremamente favorável ao desenvolvimento das culturas praticadas naquelas regiões - espera-se uma área plantada bastante superior à do ano passado. De fato, os 51.771 ha de 81 evoluíram para 186.951 ha em 82 o que significou um in

cremento percentual de 261,1%. É importante ressaltar, entretanto, que os dois últimos anos, representaram péssimos períodos para a leguminosa.

A previsão de resultados na Zona Mata e litoral através do PRODIC, não tem sido das melhores. Aconteceu nestas regiões excesso de chuvas o que prejudicou bastante o plantio da cultura.

Já na região fumageira, o retardo na estação invernal obrigou um número significativo de produtores a não plantar feijão para que não se prejudicasse a cultura do fumo.

QUADRO I
ESTADO DE ALAGOAS
PREVISÃO DE SAFRA

PRODUTOS	ÁREA OCUPADA (Ha)			RENDIMENTO MÉDIO (Ha)				PRODUÇÃO		
	1981	1982	Δ82/81	1981	1982	Δ82/81	1981	1982	Δ82/81	1982
Abacaxi (1.000 frutos)	557	557	-	19,30	19,30	-	10.737	10.737	-	-
Algodão herbáceo (ton.)	61.701	96.094	55,7	0,28	0,32	7,1	17.321	30.366	75,3	75,3
Arroz (ton)	9.530	7.450	34,7	2,37	2,42	2,1	13.103	19.997	37,4	37,4
Banana (1.000 cachos)	9.313	9.133	- 1,9	1,30	1,33	2,3	12.106	12.135	0,3	0,3
Cana-de-açúcar (ton)	956.050	371.106	3,9	52,00	52,00	-	10356,193	19297512	3,9	3,9
Coco (1.000 frutos)	24.316	24.616	-	2,83	2,83	-	70.329	70.329	-	-
Feijão (ton)	51.771	106.951	261,1	0,28	0,56	100,0	14.690	104.227	609,1	609,1
Fumo (ton)	37.179	53.142	42,9	0,75	0,99	32,0	28.125	52.732	87,5	87,5
Mandioca (ton)	25.135	20.264	-19,4	9,50	9,53	0,1	239.005	193.115	-19,2	-19,2
Milho (ton)	18.954	137.117	623,4	0,43	0,60	39,5	8.258	82.963	904,6	904,6

Fonte: GCEA/IFOR



2.2 - SETOR INDUSTRIAL

a- Aspectos Gerais

O setor industrial alagoano, com base em alguns de seus principais indicadores, apresentou um desempenho de estável a positivo neste primeiro semestre de 82.

Embora tenha havido uma pequena redução no indicador "Consumo Industrial de Energia Elétrica", cerca de 0,5%, os volumes de produção física dos principais ramos industriais apresentaram-se positivos.

A indústria química, além de a apresentar taxas positivas nos diversos produtos, ampliou sua linha de produção introduzindo novas mercadorias.

Já a Agro Indústria Açucareira também obteve no total, uma evolução no "quantum" produzido.

Finalmente o sub-setor "construção civil" apresentou um comportamento mais discreto, porém com perspectivas de melhoria até o final do ano civil.

b- Indústria de Transformação

b.1 - Consumo Industrial de Energia Elétrica

O Consumo Industrial de Energia Elétrica apresentou um comportamento estável e bastante semelhante ao observado no ano anterior. De fato, esta classe de consumo, que participa com 73% no total de energia consumida, mostrou uma queda de apenas 0,5% no seu

consumo, o que configura o equilíbrio supra citado.

QUADRO II
CONSUMO INDUSTRIAL DE ENRGIA ELÉTRICA
1º SEMESTRE 1981/1982

EM mWh							
TOTAL (A)			INDUSTRIAL (B)			B/A	
1981	1982	$\Delta \%$ 82/81	1981	1982	$\Delta \%$ 82/81	1981	1982
613.312	602.859	-1,8	443.649	441.241	-0,5	0,72	0,73

FONTE: CHESF/SUDENE/CEAL/IFOR.

b.2 - Arrecadação do IPI

O indicador Arrecadação do IPI se apresentou neste período, um pouco arrefecido, uma vez que em termos reais, observou-se um decréscimo de 11,4 % em sua arrecadação.

A isenção da cobrança deste tributo na atividade fumageira, explica por seu considerável peso, a queda observada na arrecadação. Prevendo-se, também, queda no total arrecadado nos doze meses.

QUADRO III
ARRECADAÇÃO DO IPI
1º SEMESTRE 1981/1982

Em Cr\$ 1.000,00

VALORES NOMINAIS			VALORES REAIS		
1981	1982	$\Delta \%$ 82/81	1981	1982	$\Delta \%$ 82/81
110.471	192.586	74,3	110.471	97.853	-11,4

FONTE: SRF-CIEF/IFOR

DEFLATOR: ÍNDICE GERAL DE PREÇOS- DISPONIBILIDADE INTERNA-FGV.

BASE: JAN/MAI/81 = 100

b.3 - Produção da Indústria Química

Ao se considerar a produção da Indústria Química neste semestre de 1982 observou-se um desempenho positivo.

De fato, a produção levada à estoque espelhou o seguinte comportamento: a soda cáustica decresceu 6,7%, porém o cloro, o dicloreto, o ácido clorídrico e o sal beneficiado aumentaram respectivamente 263,7%, 46,6%, 22,5% e 146,4% considerando os períodos em análise. Já a produção de álcool decresceu 56,0% sem que este venha significar a perspectiva de uma queda na produção do corrente ano. O fato é que a indústria alcooleira concentrou seus esforços na primeira metade da safra 81/82 diminuindo sensivelmente o seu ritmo na segunda metade da safra, que coincide com o período em análise.

QUADRO IV PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA QUÍMICA 1º SEMESTRE 1981/1982									
PRODUTOS	PRODUÇÃO BRUTA		Δ % 1982/81	CONDUTIVO INTERNO + PERDAS NO PROCESSO		Δ % 1982/81	PRODUÇÃO LEVADA A. ESTOQUE		Δ % 1982/81
	1981	1982		1981	1982		1981	1982	
SODA CÁUSTICA (t)	120.379	112.336	-6,7	1.570	1.285	-18,2	119.030	111.051	-6,7
CLORO (t)	106.702	99.573	-6,7	103.380	94.765	-9,4	1.322	4.008	263,7
DICLORETANO (t)	55.646	81.811	47,0	-	215	-	53.646	81.596	46,6
ÁCIDO CLORIDRICO (t)	65.829	39.702	-39,7	64.742	38.297	-40,6	1.147	1.405	22,5
SAL BENEFICIADO (t)	5.613	13.031	146,4	-	-	-	5.613	13.831	146,4
HIPOCLORITO DE SÓDIO (t)	-	1.678	-	-	-	-	-	1.678	-
ETENO/ALCOOL (t)	-	14.326	-	-	14.326	-	-	-	-
ALCOOL M ³	440.341	193.750	-56,0	-	-	-	440.341	193.750	-56,0
FONTE: SALGEMA/IAA/IFOR.									

b.4 - Produção da Agro-Indústria Açucareira

No que concerne ao desempenho da agro-indústria açucareira pode-se considerar positivo o seu comportamento, uma vez que seus principais produtos obtiverem índices positivos.

O açúcar cristal apresentou um crescimento de 5,2%, ao mesmo tempo em que o açúcar demerara, principal produto exportado, crescem 42,6%. O melaço, no entanto, decresceu 18,8%, porém o seu peso na produção total é pouco significativo. Vale salientar que a produção derivada da safra 81/82, se concentrou no período outubro/dezembro de 1981, distorcendo um pouco a apuração do período jan/jun 82 em confronto com o anterior.

As perspectivas para o restante do ano, entretanto, não são positivas. O preço do açúcar no mercado internacional declinou bastante, e cortes na "warrantagem" dentre outras medidas, preocupam bastante a classe produtora de açúcar.

QUADRO V
PRODUÇÃO DA AGRO-INDÚSTRIA AÇUCAREIRA
1º SEMESTRE 1981/1982

PRODUTOS	UNIDADE	PRODUÇÃO		
		1981	1982	Δ % 82/81
AÇUCAR CRISTAL	SACO 50Kg	5.265.031	5.539.254	5,2
AÇUCAR DEMERARA	SACO 50Kg	4.959.968	7.074.740	42,6
MELAÇO	1000 Kg	276.186	224.306	-18,8

FONTE: IAA/IFOR

c- Indústria da Construção Civil

Embora com pouca expressividade, o desempenho do sub-setor "construção civil" apresentou resultados positivos no período, com perspectivas também razoáveis para o restante do ano.

A "área licenciada para construção" evoluiu 26%, embora tenha havido redução de 59,3% no número de "habite-se concedidos".

Confirmando o desempenho positivo do setor, apresenta-se o consumo aparente de cimento com seu incremento de 8,5%, ao passo que a produção deste insumo elevou-se em 32,6% no período.

A título de informações suplementar, vale destacar a relativa mudança no perfil da construção civil na capital. Observa-se que, tem proliferado a construção de conjuntos residenciais de nível popular, como também de edifícios de médio porte. O que de alguma forma justifica a redução na área de "terrenos" licenciados para construção.

QUADRO VI
ÁREA LICENCIADA PARA CONSTRUÇÃO E HABITE-SE CONCEDIDOS NO MUNICÍPIO DE MACEIÓ
1º SEMESTRE 1981/1982

ÁREA LICENCIADA	PARA CONSTRUÇÕES			HABITE-SE		
	1981	1982	Δ82/81	1981	1982	Δ82/81
TERRENOS	615.874	293.602	-52,3	193.871	75.301	-61,2
EDIFICAÇÕES	95.748	120.624	26,0	37.497	35.585	-5,3

FONTE: FIBGE/IFOR.

QUADRO VII
PRODUÇÃO E CONSUMO APARENTE DE CIMENTO
1º SEMESTRE 1981/1982

EM 1.000Kg	1981	1982	Δ 82/81
PRODUÇÃO APARENTE	122.152	161.967	32,6
CONSUMO APARENTE	91.554	99.306	8,5

FONTE: SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DO CIMENTO/SUDENE

a - Aspectos Gerais

De acordo com os indicadores disponíveis, o Setor Serviços não apresentou alterações relevantes em seu comportamento durante o 1º semestre de 82, em relação ao igual período de 1981.

No sub-setor comércio, observou-se uma retração de 37,88% nas exportações por longo curso, e uma relativa estabilidade nas exportações por cabotagem. Já as importações, apresentaram incrementos tanto por longo curso como por cabotagem.

Verificou-se que as receitas tributárias federal, estadual e municipal, apresentaram variações positivas tanto em termos nominais como em termos reais, sendo a receita tributária municipal a que apresentou incremento mais significativo.

Os indicadores de solvabilidade acusaram uma pequena melhoria em seu comportamento no atual período. No tocante ao sub-setor emprego, observou-se que a capacidade de absorção de mão-de-obra continua fraca, enquanto que sua rotatividade foi bem maior neste 1º semestre de 1982.

b. Comércio Externo

b.1 - Exportação por Longo Curso

As exportações alagoanas decresceram 37,9% no 1º semestre de 1982, comparativamente ao mesmo período de 1981.

O açúcar demerara, produto que representa mais de 70% do total exportado, foi o principal responsável por tal ocorrência (29% de queda), juntamente com o melaço que caiu 94,5%.

Quanto ao açúcar demerara, ocorreu nos meses de outubro a dezembro de 1981 o pique da safra 1981/1982, que coincidiu com o pique das exportações, provocando assim, um decréscimo nas exportações do referido produto nos meses seguintes (janeiro a junho de 1982).

Os outros produtos exportados - apesar de individualmente não terem grande relevância sobre o total exportado - apresentaram incremento consideráveis, destacando-se o dicloreto, cuja quantidade exportada passou de 686 toneladas no 1º semestre de 1981 para 21.490 toneladas no 1º semestre de 1982 em decorrência da intensificação de sua produção no último período. O mesmo pode-se dizer da soda cáustica, que também apresentou crescimento de 410,3% em sua quantidade exportada. O fumo em folha, por sua vez, conseguiu retomar suas exportações, apresentando acréscimo de 44,7%.

QUADRO VIII
COMÉRCIO EXTERNO
MOVIMENTO DE CARGA POR LONGO CURSO
1º SEMESTRE 1981/1º SEMESTRE 1982

PRINCIPAIS PRODUTOS COMERCIALIZADOS	E X P O R T A Ç Õ E S		
	QUANTIDADE (TON)		
	1981	1982	Δ % 82/81
AÇÚCAR DEMERARA	426.432	302.756	-29,0
MELAÇO	205.676	11.366	-94,5
FUMO EM FOLHA	9.166	13.265	44,7
SODA CÁUSTICA	11.110	56.695	410,3
DICLORETANO	686	21.490	3.032,7
COURO	-	50	-
CARGA GERAL	7	39	457,1
T O T A L	653.077	405.661	-37,9

FONTE: PORTOBRÁS/IFOR.

b.2-Importação por longo curso

O volume de produtos importados do exterior pelo Estado no primeiro semestre de 1982, caiu sensivelmente em relação ao igual período do ano anterior.

O óleo diesel e o trigo em grão foram os produtos que mais influenciaram neste resultado. Alguns produtos, como o milho, não foram importados no período em análise, reforçando assim a tendência declinante das importações por longo curso.

Confrontando com tal comportamento, o adubo apresentou incremento de 68,2% em sua quantidade importada, decorrente de sua maior utilização

pelo setor agrícola.

QUADRO IX
COMÉRCIO EXTERNO
MOVIMENTO DE CARGA POR LONGO CURSO
1º SEMESTRE 1981/1º SEMESTRE 1982

PRINCIPAIS PRODUTOS COMERCIALIZADOS	IMPORTAÇÕES		
	QUANTIDADE (TON)		
	1981	1982	Δ % 82/81
ADUBOS	40.051	67.345	68,2
TRIGO EM GRÃO	84.518	73.437	-13,1
ÓLEO B.P.F	-	7.045	-
ÓLEO DIESEL	12.635	5.429	-57,0
FUMO	-	304	-
MILHO	74.171	-	-
CARGA GERAL	1.174	-	-
T O T A L	221.549	153.560	-30,7

FONTE: PORTOBRÁS/IFOR.

c. Comércio Interno

c.1 - Exportação por cabotagem

O volume de produtos exportados por cabotagem no 1º semestre de 1982 apresentou um incremento da ordem de 3,9% em relação ao 1º semestre de 1981. Tal comportamento deve-se principalmente aos produtos: petróleo; álcool e dicloreto, que apresentaram incremento em suas quantidades produzidas, elevando seus volumes exportados em 24,4%; 15,2% e 7,1% respectivamente.

Dos demais produtos que compõem a pauta das exportações por cabotagem, o açúcar cristal

tal (cuja produção se dá em função das requisições do mercado) apresentou queda de 22,4% na sua quantidade exportada enquanto que a soda cáustica caiu 9,1%, embora continue sendo o produto que tem maior participação no total exportado.

QUADRO X
COMÉRCIO INTERNO
MOVIMENTO DE CARGA POR CABOTAGEM
1º SEMESTRE 1981/1º SEMESTRE 1982

PRINCIPAIS PRODUTOS COMERCIALIZADOS	EXPORTAÇÃO		
	QUANTIDADE (TON)		
	1981	1982	Δ % 82/81
AÇÚCAR CRISTAL	15.150	11.750	-22,4
SODA CÁUSTICA (*)	163.257	148.348	-9,1
PETRÓLEO	73.748	91.740	24,4
DICLORETANO	56.241	60.243	7,1
ÁLCOOL	37.004	42.620	15,2
MELAÇO	-	2.000	-
CARGA GERAL	140	2.174	1.452,9
T O T A L	345.540	358.875	3,9

FONTE: PORTOBRÁS/IFOR.

(*) Na tonelagem total da soda cáustica está incluído 50% de água, por medida técnica de transporte do produto.

c.2 - Importação por cabotagem

No 1º semestre de 1982, as importações por cabotagem cresceram 10,7% em relação a igual período de 1981.

Tres produtos que em con -

junto somam mais da metade do total importado, contribuíram para esse aumento: o adubo, que dobrou o seu volume importado em comparação ao 1º semestre de 1981; a gasolina e o óleo diesel, estes últimos com aumentos percentuais de 16,5% e 12,1% respectivamente.

A expansão da importa-
ção de adubo deveu-se fundamentalmente a expan-
são da produção e área cultivada da cana-de-açú-
car, bem como a sua maior utilização em novas la-
vouras. Quanto a gasolina e óleo diesel, tais mo
dificações se deveram a expansão do consumo des-
tes produtos.

Dos produtos que apre-
sentaram decréscimos, destacaram-se o eteno
(-41,7%), por evolução da produção interna; o ó-
leo B.P.F. (-30,1%) que vem sendo substituído por
similares; e o trigo em grão.

QUADRO XI
COMÉRCIO INTERNO
MOVIMENTO DE CARGA POR CABOTAGEM
1º SEMESTRE 1981/1º SEMESTRE 1982

PRINCIPAIS PRODU- TOS COMERCIALIZA- DOS	E M P O R T A Ç Ã O		
	QUANTIDADE (TON)		
	1981	1982	Δ % 82/81
GASOLINA	23.906	27.848	16,5
ÓLEO B.P.F.	22.424	15.676	-30,1
ÓLEO DIESEL	65.073	72.949	12,1
QUEROSENE	1.399	1.328	- 5,1
TRIGO EM GRÃO	8.806	6.954	-21,1
ETENO	12.772	7.449	-41,7
ADUBO	12.879	25.355	96,9
MILHO	-	5.010	-
CARGA GERAL	675	1.117	65,5
T O T A L	147.934	163.636	10,7

FONTE: PORTOBRÁS/IFOR

d. Transporte

d.1 - Transporte Marítimo

De maneira geral, o mo
vimento de navios no Porto de Maceió, apresentou
um pequeno decréscimo, da ordem de 3,5% em rela-
ção ao primeiro semestre de 1981, o que não im-
plica em alteração significativa no comportamento
dos transportes marítimos.

O número de navios por longo curso diminuiu em 21,2%, havendo também uma diminuição de sua participação no total de navios. Já os navios por cabotagem tiveram uma maior movimentação, passando de 117 navios no 1º semestre de 1981 para 128 navios em igual período de 1982.

O comportamento verificado nos transportes marítimos está relacionado à movimentação de cargas por longo curso e cabotagem, vez que, as variações ocorridas neste setor retratam comportamento semelhante às verificadas no movimento de cargas no Porto de Maceió.

QUADRO XII
MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO DE MACEIÓ
1º SEMESTRE 1981 / 1º SEMESTRE 1982

INDICADORES	QUANTIDADE		
	1981	1982	Δ% 82/81
LONGO CURSO	85	67	- 21,2
CABOTAGEM	117	128	9,4
T O T A L	202	195	- 3,5

FONTE: PORTOBRÁS/IFOR

d.2 - Transporte Aéreo

O comportamento dos transportes aéreos neste 1º semestre de 1982, comparativamente ao mesmo período de 1981, apresen-

tou considerável ascensão.

Dos indicadores, apenas o embarque de mala postal demonstrou decréscimo' (8,7%), o que não implica em grandes modificações. Todos os demais indicadores, retratam incrementos positivos, destacando-se entre eles: desembarque de passageiros (34,5%), embarque de passageiros' (34,2%) e desembarque de cargas (33,3%).

A razão fundamental para tal comportamento foi a intensificação de fluxo turístico no Estado, razão esta, já prevista' anteriormente.

QUADRO XIII
MOVIMENTO ESTATÍSTICO DO AEROPORTO DOS PALMARES
1º SEMESTRE 1981/1º SEMESTRE 1982

COMPORTAMENTO DO TRANSPORTE AÉREO	1981	1982	Δ% 82/81
POUSOS	1.971	2.554	29,6
DECOLAGENS	1.971	2.550	29,4
EMBARQUE DE PASSAGEIROS	43.680	58.602	34,2
DESEMBARQUE DE PASSAGEIROS	40.890	55.001	34,5
PASSAGEIROS EM TRÂNSITO	39.910	49.871	25,0
EMBARQUE DE CARGA (Kg)	270.809	313.267	15,7
DESEMBARQUE DE CARGA (Kg)	513.301	684.264	33,3
CARGA EM TRÂNSITO (Kg)	681.601	798.976	17,2
EMBARQUE DE MALA POSTAL (Kg)	14.729	13.452	-8,7
DESEMBARQUE DE MALA POSTAL (Kg)	25.086	30.281	20,7

FONTE: INFRAERO/IFOR

e. Energia Elétrica

O consumo global de energia elétrica foi de relativa estabilidade, comparando-se o período jan/maio-1982 com o mesmo período de 1981.

Observando-se individualmente cada classe de consumidor constata-se que apenas a classe rural apresentou incremento considerável (28,1%), mesmo assim, sua participação no consumo global permaneceu inalterada.

A classe comercial apresentou pequeno incremento (1,8%), o que não apresenta alteração considerável.

A energia destinada ao setor industrial continuou sendo a que tem maior peso no total, entretanto sua variação jan/maio-1982 em relação ao período jan/maio-1981 foi insignificante.

As demais classes apresentaram decréscimos percentuais sem maiores modificações no quadro geral, salientando-se a classe dos poderes públicos que diminuiu seu consumo de energia em 29,2%.

QUADRO XIV
CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA
JAN-MAIO 1981/JAN-MAIO 1982

CLASSE DE CONSUMIDOR	CONSUMO EM MWH		
	1981	1982	Δ % 82/81
RESIDENCIAL	70.321	69.669	-0,9
COMERCIAL	40.805	41.539	1,8
INDUSTRIAL	443.649	441.241	-0,5
PODERES PÚBLICOS(*)	31.845	22.543	-29,2
ILUMINAÇÃO PÚBLICA	20.959	19.894	-5,1
RURAL	6.233	7.973	28,1
T O T A L	613.812	602.859	-1,8

FONTE: CEAL/CHESEF/IFOR

(*) Incluído serviços públicos.

f. Receita Tributária Federal

No tocante a Receita Tributária Federal, nota-se que sua arrecadação total neste primeiro semestre de 1982, apresenta uma tendência crescente. Tomando como base os valores reais, pode-se afirmar que este crescimento se deu de forma bastante acentuada, já que no primeiro semestre de 1981 foi arrecadado Cr\$... 1.284.705 mil e no primeiro semestre do seguinte ano Cr\$ 1.430.631 mil, gerando dessa maneira um incremento real de 11,4%.

Com efeito, foi observado ' taxas de crescimento nos ítems Imposto sobre Importação, Imposto Sobre a Renda, Imposto Sobre Transporte e Imposto Sobre Energia, que foram respectivamente de 193,8%, 10,0%, 9,5% e 31,7%.

Embora com um incremento de 10% no período, o Imposto Sobre a Renda continua a determinar o comportamento dos Tributos Federais, uma vez que sua participação no total da Receita, situa-se na faixa de 75%. No período em análise, isto está, vinculado ao crescimento dos Impostos retidos na fonte (pessoa física) e dos impostos pagos por antecipação (pessoas jurídicas).

QUADRO XV ESTADO DE ALAGOAS DEMONSTRATIVO DA RECEITA TRIBUTÁRIA ESTADUAL 1º SEMESTRE DE 1981 / 1º SEMESTRE DE 1982						
ESPECIFICAÇÃO	VALOR NOMINAL			VALOR REAL		
	1981	1982	Δ 82/81	1981	1982	Δ 82/81
Imposto sobre Importação	1.168	6.755	478,3	1.168	3.432	193,8
Imposto sobre Produtos Industrializados	110.471	192.556	74,3	110.471	97.853	-11,4
Imposto sobre a Renda	960.235	2.079.633	116,3	960.235	1.056.662	10,0
Imposto sobre Transporte	36.748	79.174	11,5	36.748	40.228	9,5
Imposto sobre Energia	129.996	337.029	159,3	129.996	171.214	31,7
Outros	46.067	81.077	8,4	46.067	42.720	-7,3
TOTAL	1.284.785	2.817.649	119,2	1.284.785	1.430.631	11,4

Fonte: SEFAZ/DAF/IFOR
Deflatores: Índice de Preço da Conjuntura da Fundação Getúlio Vargas
Base: 1º Semestre de 1981 = 100

g. Receita Tributária Estadual

Quanto a Receita Tributária Estadual pode-se afirmar que a mesma apresentou no seu quadro de arrecadação um rendimento satis

fatorio em termos reais, onde pode-se observar no ítem ICM-100%, um comportamento positivo de grande significância no contexto global.

Este ítem, que apresentou um crescimento real de 9,8%, indica a primeira vista uma tendência à estabilidade, quando comparado com o semestre anterior que teve um incremento real de 37,6%. Este último incremento, entretanto, se deu pelo fato de que no primeiro semestre de 1981, houve uma mudança com relação ao tratamento tributário aplicado na arrecadação do ICM da Atividade Canavieira, que por sua vez, teve um comportamento bastante relevante, apresentando, portanto, um incremento de 104,6%, enquanto que no atual período comportou-se de forma quase estável, variando apenas em 4,0% em termos reais.

Pode-se observar ainda, que a participação do ICM da Atividade Canavieira na arrecadação do ICM total é bem notável, uma vez que representa 40,9% do total arrecadado.

QUADRO XVI ESTADO DE ALAGOAS DEMONSTRATIVO DA RECEITA TRIBUTÁRIA ESTADUAL 1º SEMESTRE 1981 / 1º SEMESTRE 1982						
ESPECIFICAÇÃO	VALOR NOMINAL			VALOR REAL		
	1981	1982	Δ 82/81	1981	1982	Δ 82/81
TOTAL DA RECEITA TRIBUTÁRIA	4.852.771	10.457.941	115,5	4.852.771	5.313.660	9,5
ICM 100%	4.710.790	10.176.442	116,0	4.710.790	5.170.650	9,8
APLICAÇÃO DO ICM DA ATIVIDADE CANAVIEIRA	2.034.971	4.163.960	104,6	2.034.971	2.115.718	4,0
OUTROS IMPOSTOS E TAXAS	141.981	281.499	98,3	141.981	143.030	0,7

Fonte: SEFAZ/DAF/IFOR
Deflatores: Índice de Preço da Conjuntura da Fundação Getúlio Vargas.
Base: 1º Semestre de 1981 = 100

h. Receita Tributária Municipal

No primeiro semestre do ano anterior observou-se que o comportamento da Receita Tributária Municipal foi bastante negativo, isso devido ao atraso nas distribuições dos carnês de contribuição dos impostos Predial e Territorial, não tendo havido arrecadação de tais impostos no referido período.

Ao contrário do ano anterior, no 1º semestre deste ano houve arrecadação dos Impostos Predial, bem como, ampliação do volume arrecadado do Imposto Sobre Serviço, aumentando dessa maneira o total dos impostos em 51,9% em termos reais.

Tal fato teve bastante influência sobre a arrecadação total da Receita Tributária Municipal, vez que mais de 75% da mesma, decorre da arrecadação de Impostos. A Receita Total arrecadada neste 1º semestre de 1982 apresentou incremento de 37,9% em termos reais e 172,0% em termos nominais, com relação ao 1º semestre do ano anterior.

QUADRO XVII ESTADO DE ALAGOAS DEMONSTRATIVO DA RECEITA TRIBUTÁRIA MUNICIPAL 1º SEMESTRE 1982/1981 Em 1.000,00						
ESPECIFICAÇÃO	VALOR NOMINAL			VALOR REAL		
	1981	1982	Δ % 82/81	1981	1982	Δ % 82/81
IMPOSTO PREDIAL	-	26.476	-	-	43.939	-
IMPOSTO TERRITORIAL	-	8.630	-	-	4.385	-
IMPOSTO SOBRE SERVIÇOS	105.726	221.024	109,1	105.726	112.302	6,2
TOTAL DOS IMPOSTOS	105.726	316.130	199,0	105.726	160.626	51,9
TOTAL DAS TAXAS	42.589	27.286	65,0	42.589	44.351	4,1
TOTAL DA RECEITA TRIBUTÁRIA	148.315	403.416	172,0	148.315	204.977	37,9
Fonte: DAF/IFOR Deflator: Índice de Preço da Conjuntura Econômica da Fundação Getúlio Vargas Janeiro 1º Semestre 1981 Janeiro/Julho						

i. Solvabilidade

Os indicadores representativos da situação de solvabilidade na praça de Maceió, espelhou neste período um desempenho pouco satisfatório.

De fato, detectou-se um aumento de 3,1% na quantidade de títulos protestados ao mesmo tempo em que se registrou 5 decretos falimentares contra nenhum no período passado. Por outro lado, as falências requeridas decresceram 34,1%, neste período.

No tocante ao movimento do SPC observou-se um crescimento razoável na solicitação dos seus serviços, uma vez que as informações solicitadas cresceram 13,1%, das quais 95,2% obtiveram respostas positivas, relação esta semelhante a observada em períodos anteriores.

Por outro lado detectou-se

CONTINUAÇÃO									
INDICADOR DE PREÇOS - 1991/1992									
INDICADOR DE PREÇOS - 1991/1992									
120 L.C.V. 60									
INDICADORES	QUANTIDADE			VALOR NOMINAL			VALOR REAL		
	1991	1992	1991/1992	1991	1992	1991/1992	1991	1992	1991/1992
PRODUTOS PRIMÁRIOS	10,321	10,321	1,0	811,000	1,070,132	99,2	841,855	831,647	1,02
PRODUTOS MANUFATURADOS	41	41	1,0	8,501	-	-	8,501	-	-
PRODUTOS DE SERVIÇOS	-	60	-	-	-	-	-	-	-
CONSUMOS INDUSTRIAIS	6,467	6,467	1,0	171,031	171,031	1,0	171,031	171,031	1,0
CONSUMOS DE MANUTENÇÃO	3,641	3,641	1,0	31,000	31,000	1,0	31,000	31,000	1,0
DEBÊNTURES E OBRIGAÇÕES	88,085	160,199	1,8	-	-	-	-	-	-
RENTAS E DIVIDÊNDOS	81,399	95,514	1,2	-	-	-	-	-	-

Fonte: Contabilidade de Preços (INPC, IPCA)

Elaborado: Instituto de Pesquisas de Conjuntura do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Brasília, 10 de Setembro de 1991 - 100

Assinado: Carlos

O mercado de trabalho do Estado de Alagoas não apresentou alterações substanciais no seu comportamento durante o 1º semestre de 1982, em relação ao 1º semestre de 1981.

Do total dos admitidos , 22,1% se engajaram pela 1a. vez no mercado de Trabalho, relação esta, semelhante à observada em 1931.

Comparando-se as rescisões de contrato de trabalho homologados com o total de demitidos, constata-se que apenas 6,6% dos demitidos, estavam trabalhando há mais de um ano nas respectivas empresas. O que reforça a idéia da rotatividade de mão-de-obra na economia alagoana.

QUADRO XIX
ESTADO DE ALAGOAS
MOVIMENTO DE MÃO-DE-OBRA
1º SEMESTRE 1981/1º SEMESTRE 1982

ESPECIFICAÇÃO PERÍODOS	Nº DE AD- MITIDOS	Nº DE DE- MITIDOS	PRIMEIRO EMPREGO	HOMOLOGA- ÇÃO DE PROFISSIO- NISTAS EX- RESCISÃO DE CONTRA- TO DE TRABALHO LHO	CARTEIRAS DE PROFISSIO- NISTAS EX- PEDIDAS	PARTICI- PAÇÃO X DO 1º EM- PREGO S/ TOTAL DE PROF. EXPE- DIDAS	PARTICI- PAÇÃO X DO 1º EM- PREGO S/ TOTAL DE PROF. EXPE- DIDAS	PART. 2 DO 1º EM- PREGO S/ TOTAL DE PROF. EXPE- DIDAS	PART. 2 DO 1º EM- PREGO S/ TOTAL DE PROF. EXPE- DIDAS	PART. 2 DO 1º EM- PREGO S/ TOTAL DE PROF. EXPE- DIDAS	PART. 2 DO 1º EM- PREGO S/ TOTAL DE PROF. EXPE- DIDAS
1981	25.362	25.827	5.911	2.194	38.647	23,3	15,3	8,5			
1982	35.077	36.003	7.769	2.391	49.580	22,1	15,7	6,6			
ΔZ 02/81	33,3	39,4	31,4	9,0	26,3	-	-	-			

FONTE: DRT/IPOR

 **Sergasa**
Serviços Gráficos de Alagoas S. A.